

Fronteiras e conexões em espaços ibero-americanos na Idade Moderna

Borders and connections in Ibero-American spaces in the Modern Age

Douglas Lima¹

E-mail: douglasjlma@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7382-3655>

FERNÁNDEZ CHAVES, Manuel F.; PÉREZ GARCÍA, Rafael M. (coord.). 2019. *Movilidad, interacciones y espacios de oportunidad entre Castilla y Portugal en la Edad Moderna*. Sevilla, Editorial Universidad de Sevilla, 295 p. ISBN: 978-84-472-2165-3.

Nas últimas décadas, especialistas em temas da Idade Moderna têm buscado estratégias para produzir uma história que não seja tão refém de concepções eurocêntricas e/ou nacionalistas. Longe de sugerirem um programa único, historiadores engajados neste intento apresentaram alternativas para explicar os processos de mudanças decorrentes de ação humana em todo o planeta, entre os séculos XVI e XVIII. Uma história atenta às conexões entre distintos países, regiões, impérios e povos torna-se cada vez mais necessária para compreender aquele mundo². Dessa forma, são minoradas as narrativas isolacionistas e seus consequentes riscos de explicar trajetórias de espaços e grupos sociais como singulares, distantes e incomunicáveis entre si. Essas preocupações tomam corpo e ocupam o volume de autoria coletiva, publicado na Espanha, intitulado *Movilidad, interacciones y espacios de oportunidad entre Castilla y Portugal en la Edad Moderna*.

Como Ofélia Rey Castelao destaca no prólogo, além das preocupações metodológicas que mobilizam os autores dos textos, o livro também é fruto da aproximação e comunicação entre pesquisadores, facilitadas por congressos internacionais e projetos conjuntos, bem como pela disponibilidade de fundos documentais na internet. A obra apresenta um amplo quadro das relações entre Espanha e Portugal, com especial atenção para as possessões ultramarinas que estes países invadiram e administraram ao longo da Idade Moderna, na África, América e Ásia. Eram lugares com dinâmicas que se complementavam em termos de governo, comércio, movimentações humanas, organização social. Em suma, um verdadeiro espaço ibero-americano, reinventado a partir da presença, interação, sobreposição e conflito entre povos e interesses diversos (Paiva, 2015, p. 64).

A obra organizada pelos professores Rafael M. Pérez García e Manuel F. Fernández Chaves, ambos do Departamento de História Moderna da Universidade de Sevilha, possui três eixos temáticos: 1) migrações a curta e média distâncias entre a região espanhola de Castela e Portugal; 2) escravidão no

¹ Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Programa de Pós-Graduação em História. Avenida Presidente Antônio Carlos, 6627, Pampulha, 31270-901, Belo Horizonte - MG, Brasil.

² Dentre exemplos de trabalhos seminais nesta perspectiva, conferir Subrahmanyam, 1997; Gruzinski, 2014.

Atlântico Ibérico e em Minas Gerais; 3) redes comerciais de alcance global com presença portuguesa e espanhola.

Ignacio González Espinosa analisou a presença de portugueses na Andaluzia, sob a égide da União Ibérica (1580-1640), enquanto Lucía Andújar Rodríguez discutiu os fluxos migratórios de estrangeiros e “nacionais” para Sevilha, em finais do século XVII. González Espinosa indicou que migrações cruzadas entre Portugal e Castela foram frequentes na Idade Moderna, entretanto, o maior contingente populacional foi o de lusitanos em direção a Madrid e à Andaluzia. Este último espaço atraía pessoas de muitos países, por conta das oportunidades econômicas e de trabalho viabilizadas pela conexão naval com o norte da África e as colônias do ultramar. Além da expertise marítima, na qual se destacavam há séculos, os portugueses se dedicavam à agricultura e a ofícios mecânicos na Andaluzia. Andújar Rodríguez percebeu que a maior parte dos imigrantes em Sevilha era constituída de “nacionais”, ou seja, afluíam de outras regiões espanholas. Ambos os trabalhos destacam que a pujança sevilhana até finais do século XVII, derivada do posicionamento estratégico e da administração das possessões ultramarinas, foi fator central na atração de comerciantes e trabalhadores para o sul da Espanha.

Juan José Iglesias Rodríguez trata de outra região andaluza que também teve conexões com Portugal: a baía de Cádiz. Nos séculos XVI e XVII, os portugueses tiveram grande influência naquele entreposto. Essa presença diminuiu na centúria seguinte, quando Cádiz tornou-se o principal centro espanhol de ligação com as colônias americanas. Ao tratar do caso do comerciante lusitano Bartolomé Amil, Iglesias Rodríguez mostrou que mesmo com o declínio da escravidão na Península Ibérica, em momento avançado do século XVIII, persistiam por lá, ainda que de forma residual, algumas antigas práticas que no lado americano do Atlântico conheciam o seu auge na mesma época. Em testamento outorgado em 1765, Amil indicou a libertação de duas escravas negras, por conta da fidelidade com que o serviram e por “amor a Deus”. Amil também legou às libertas dinheiro, roupas, joias de ouro, prata e diamante, além de permitir que elas usufríssem vitaliciamente de uma de suas casas. Se naquelas alturas tais hábitos não eram tão comuns em Portugal e Espanha, já que o número de escravos era cada vez mais reduzido, em locais como Minas Gerais e Colômbia as alforrias ocorriam com certa frequência³.

Em seus trabalhos, Maria Marta Lobo de Araújo e Alexandra Esteves analisaram a presença de imigrantes da Galícia em Portugal. A primeira autora investigou o perfil

social e profissional dos galegos entre os séculos XVII e XVIII, já Esteves avançou o estudo de fins do século XVIII até meados do XIX. Ao migrarem da Espanha para Portugal, muitos galegos se estabeleceram no norte do país, sobretudo em localidades do Minho, onde se inseriram no pequeno comércio, na agricultura e em ofícios mecânicos. Alguns daqueles imigrantes se envolveram em atividades criminosas e prostituição, o que contribuiu para moldar um estereótipo dos galegos em Portugal como afeitos à desordem social. Em geral, tratava-se de “gente pobre”, com poucos recursos e dependente do auxílio prestado por entidades assistenciais e religiosas. Justamente por isso, papéis e livros elaborados por irmandades caritativas e hospitais são as principais fontes para os estudos de Lobo de Araújo e Esteves acerca da presença galega em Portugal.

Rafael M. Pérez García e Manuel F. Fernández Chaves discutiram os fluxos de comércio escravista no Mediterrâneo e Atlântico, no alvorecer da Idade Moderna. Escravos de origens variadas eram comercializados nos mercados europeus da época, não apenas negros africano-ocidentais, mas também muçulmanos capturados no Magreb. Os autores apontam que até a década de 1520, o maior contingente escravizado na Costa da Guiné era direcionado às cidades do Mediterrâneo ocidental. Mesmo depois da ascensão do eixo África-América, o tráfico de africanos perdurou em direção a portos ibéricos, ainda que de modo secundário, pelo menos até a segunda metade do século XVI. A intrigante presença de indígenas em Sevilha, embarcados como escravos em solo americano e libertados com o advento das *Leyes Nuevas* de 1542, é forte indicativo de que as experiências de escravidão e liberdade no período moderno devem ser contextualizadas dentro de um amplo quadro, no qual as fronteiras existiam, mas não eram muralhas intransponíveis. Pérez García e Fernández Chaves concluem pela necessidade metodológica de “dejar atrás la visión de la esclavitud como un fenómeno estático”, já que estruturas e processos existentes naquelas sociedades escravistas tinham diferentes direções e dinâmicas, que geravam uma miríade de situações e trajetórias possíveis.

Paula Valverde Barneto discutiu o perfil demográfico da escravidão na Sevilha do século XVI, usando livros batismais como fontes. Comparando dados de duas paróquias da cidade, a autora sugeriu que o perfil da escravidão em cada uma delas se relacionava com as atividades laborais e as necessidades econômicas preponderantes em cada local. Crianças conformavam o grupo mais numeroso entre os escravos batizados, porém, nos registros paroquiais a minoria delas tinha “cor ou procedência” especificadas. Por outro lado, designações de “qualidades” e procedências

³ A este respeito, conferir Paiva, 2022; Lima, 2020; Jiménez Menezes e Pérez Morales, 2013.

eram mais comumente expressadas nos registros de batismos de adultos. No ambiente sevilhano do século XVI, o crescimento da população escravizada relacionou-se principalmente com o tráfico de negros africanos, mas mouros, mouriscos, mulatos e até mesmo indígenas americanos também estiveram presentes naquela sociedade.

Em um salto para o século XVIII, o olhar é orientado ao contexto geral da escravidão em Minas Gerais. Eduardo França Paiva apresenta uma realidade escravista multifacetada, distinta dos modelos que predominaram, ou que comumente se acredita que predominaram, em áreas de produção de açúcar na América portuguesa, sobretudo nos séculos XVI e XVII, e nas fazendas de café no sudeste brasileiro, no século XIX. Em Minas Gerais, a extração de ouro e seus efeitos econômicos propiciaram um processo de urbanização até então sem precedentes no Brasil. Sendo influenciada por dinâmicas planetárias e simultaneamente gerando efeitos que iam além de suas fronteiras, a região mineradora recebeu levas de brasílicos, portugueses e de africanos escravizados provenientes de diversos lugares da África. No entanto, o perfil demográfico regional se completava com amplo leque de “qualidades”: crioulos, mulatos, pardos, índios, mamelucos e outras designações de origem e categorias sociais também se faziam presentes naquela realidade. Em parte significativa do texto, Eduardo França Paiva discute como as alforrias e coartações (uma modalidade de libertação paga em parcelas) foram ao mesmo tempo mecanismos de mobilidade social e de legitimação da escravidão nas Minas setecentistas.

O último bloco da obra é composto por textos que, nas palavras dos organizadores, investigam o “mundo globalizado creado por portugueses e españoles en la primera Edad Moderna”. Fernando Pessanha faz um levantamento das diferentes fases de disputa e colaboração entre castelhanos, sobretudo oriundos da Andaluzia, e lusos na tomada e manutenção de entrepostos portugueses no norte da África, nomeadamente em cidades marroquinas, ao longo do século XVI. A intersecção geográfica entre o Algarve, a Andaluzia e o Marrocos foi palco de competição por territórios, rotas comerciais e também por influência política e religiosa, fomentando, ao fim das contas, “um novo espaço de mobilidade e oportunidade para portugueses e espanhóis”.

A partir de um processo judicial que investigou possíveis violações comerciais cometidas por mercadores estrangeiros, José Manuel Díaz Blanco acessou informações produzidas em âmbito privado que desvelam o conectado mundo dos mercadores portugueses que operavam em Sevilha, no início do século XVII. Inseridos em uma rede de alcance global, aqueles indivíduos serviam de elo entre distintas esferas políticas e econômicas, comercializando, por vias legais e ilegais, escravos, especiarias,

metais preciosos e produtos da mais variada natureza nas quatro partes do mundo.

Em escala mais focalizada em Portugal e Espanha, João de Figueiroa-Rego discorreu sobre os agentes envolvidos no comércio de tabaco no Seiscentos. Nativo da América, o tabaco foi alvo de monopólios instituídos pelas monarquias ibéricas e fez parte de diversas transações econômicas no período. Ao examinar o perfil dos comerciantes daquele produto, Figueiroa-Rego destacou a presença de cristãos-novos, muitos dos quais envolvidos em teias de negócios e familiares de alcance global. Não foram raras as ocasiões em que cristãos-novos dedicados ao trato do tabaco foram acusados pela Inquisição de judaísmo e outras práticas religiosas consideradas desviantes. E é justamente a documentação decorrente dos processos inquisitoriais que desvela a amplitude das relações estabelecidas entre os comerciantes de tabaco.

Finalmente, Maria Antónia Lopes apresenta a trajetória e as disposições testamentárias de Manuel Soares de Oliveira, português que enriqueceu como comerciante nas Filipinas, onde, a serviço da Coroa espanhola, também ocupou importantes cargos na administração local, em meados do século XVII. Sua enorme fortuna foi em grande parte deixada como herança para a Santa Casa de Misericórdia de Coimbra, em processo que envolveu conflitos entre instituições, autoridades e herdeiros em três continentes. A documentação arrolada por Lopes desvela contextos muito mais conectados do que sugerem as idealizações administrativas e nacionalistas imaginadas a partir do século XIX.

Movilidad, interacciones y espacios de oportunidad entre Castilla y Portugal en la Edad Moderna é um esforço coletivo para explicar o mundo entre os séculos XVI e XVIII a partir de olhares integrados e mais abrangentes, sem, contudo, excluir particularidades históricas. Apesar da realidade social e dos povos serem representados por letrados e autoridades daquele período de forma quase estática, dos estudos coligidos no volume emerge um contraponto historiográfico bem mais plural e móvel. Como destacado pelos organizadores, as duas dimensões (autorrepresentação e realidade social) não podem mais ser entendidas como antagônicas por historiadores. Elas eram compatíveis e complementares, ora se apresentavam superpostas, ora se distanciavam, mas sempre mantinham mútua relação. Igual tratamento os autores dos textos ofereceram ao conceito de fronteira, entendendo-o não como ponto de abrupta descontinuidade, mas como transição e conexão entre mundos físicos e humanos.

À abundância de temas e perspectivas soma-se o rico universo de fontes exploradas: registros cartoriais diversos, processos criminais e inquisitoriais, escritos privados, levantamentos demográficos, assentos eclesiás-

ticos, dentre outras. O aporte documental mobilizado ao longo dos capítulos possibilita diferentes “jogos de escalas” (Revel, 1998), do micro ao macro, do local ao global, alternando análises qualitativas e quantitativas, em investigações que se debruçam em trajetórias individuais e/ou contextos mais amplos. Certamente, o livro é uma oportunidade (para usar uma das ideias expressas em seu título) de observar conexões históricas quase imperceptíveis entre diferentes espaços e fronteiras. Este não é um programa historiográfico inédito, mas as visões expostas em *Movilidad, interacciones y espacios de oportunidad* renovam o intento de produzir uma história da Idade Moderna considerando toda a sua complexidade.

Referências

- FERNÁNDEZ CHAVES, Manuel F.; PÉREZ GARCÍA, Rafael M. (coord.). 2019. *Movilidad, interacciones y espacios de oportunidad entre Castilla y Portugal en la Edad Moderna*. Sevilla, Editorial Universidad de Sevilla.
- GRUZINSKI, Serge. 2014. *As quatro partes do mundo: história de uma mundialização*. Belo Horizonte, Editora UFMG; São Paulo, Edusp.
- JIMÉNEZ MENEZES, Orián; PÉREZ MORALES, Edgardo. 2013. *Voces de esclavitud y libertad: documentos y testimonios, Colombia, 1701-1833*. Popayán, Editorial Universidad del Cauca.
- LIMA, Douglas. 2020. *Libertos, patronos e tabeliães: a escrita da escravidão e da liberdade em alforrias notariais*. Belo Horizonte, Caravana Grupo Editorial.
- PAIVA, Eduardo França. 2015. *Dar nome ao novo: uma história lexical da Ibero-América entre os séculos XVI e XVIII (as dinâmicas de mestiçagens e o mundo do trabalho)*. Belo Horizonte, Autêntica Editora.
- PAIVA, Eduardo França. 2022. “Por meu trabalho, serviço e indústria”: histórias de africanos, crioulos e mestiçados nas Minas Gerais, 1716-1789. Belo Horizonte: Caravana Grupo Editorial.
- REVEL, Jacques (org.). 1998. *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas.
- SUBRAHMANYAM, Sanjay. 1997. Connected Histories: Notes toward a Reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, 31(3): 735-762.

Submetido em: 14/03/2022

Aceito em: 06/06/2022